

CONHECIMENTO E PERIGO NA DEFINIÇÃO DA CORAGEM (LACHES, 192E1-193D10)

ANALYTICA

volume 14
número 1
2010

Raphael Zillig
UFRGS

O diálogo *Laches*, de Platão, estrutura-se, fundamentalmente, em torno de duas aporias, uma das quais surge na discussão de Sócrates com Laques (192e1-194b4), ao passo que a outra ocorre quando Nícias está no centro da discussão (197e10-199e12). A despeito de não haver, no texto, resposta explícita para os impasses, neles emergem os méritos e fraquezas das opiniões aventadas na busca à resposta da pergunta fundamental do diálogo, a saber, “o que é a coragem?”

Costuma-se identificar, na primeira das duas aporias, uma tentativa malograda de fazer ver a Laques um ponto que ganhará maior clareza na discussão com Nícias, a saber, a natureza peculiar do conhecimento moral. Quero sugerir neste texto que a discussão de Sócrates com Laques não deve ser interpretada como uma tentativa de estabelecer de uma vez por todas a natureza do conhecimento moral. Pretendo mostrar que o argumento do diálogo encaminha-se de modo mais sólido e coerente para a constituição de uma concepção da coragem centrada na sabedoria quando a discussão com Laques é interpretada como exame que tem por objeto as relações da coragem com o enfrentamento dos perigos.

Com esse objetivo em vista, proponho examinar a primeira das duas aporias do diálogo atentando, particularmente, para o modo como ela surge a partir da reação de Laques ao con-

junto de casos particulares expostos por Sócrates na passagem de 192e1-193d10. Espero, com isso, determinar qual das opiniões de Laques sobre a coragem é responsável pelo surgimento da dificuldade que ele é incapaz de resolver. Distingui-lo permitiria identificar o ponto que Sócrates pretende estabelecer acerca da coragem nesta porção do diálogo.

Apresentação de 192e1-193d10

A passagem a ser aqui analisada insere-se no contexto do exame da sugestão de Laques, de acordo com a qual a coragem é uma certa persistência ou perseverança (καρτερία, 192b9-193c1). Uma vez tendo Laques exposto sua proposta, Sócrates inicia o exame trazendo à baila a ideia segundo a qual a coragem deve ser algo belo/nobre (καλόν), não podendo ser nociva (βλαβερὰ καὶ κακοῦργόν), com o que Laques está de acordo. Como ambos concordam que a perseverança acompanhada de tolice ou insensatez não é bela, surge a hipótese segundo a qual a coragem é uma perseverança sábia. Passa-se, então, a examinar *em que* ela é sábia (192e1)¹. Com vistas a responder essa questão sobre o que trata o conhecimento ou sabedoria (termos usados indistintamente no diálogo)² associado à coragem, passa-se a uma análise de seis casos nos quais a perseverança de um dado agente é caracterizada ou bem pela posse ou bem pela ausência de um certo tipo de conhecimento. A despeito de aceitar que não há coragem sem sabedoria, Laques não crê ser possível tomar como corajosos os agentes que, nos exemplos, procedem com base em um certo conhecimento. Ao contrário, quando perguntado, ele afirma ser mais corajoso quem age *sem* o conhecimento referido. Disso resulta a aporia na qual se encontra Laques ao final do exame dos exemplos (193d9-194b4). De um lado, não lhe parece

1 A perseverança desaparece da discussão quando Laques deixa de ser o principal interlocutor de Sócrates e não é claro se o andamento geral do diálogo sugere mantê-la ou excluí-la das notas características da coragem. A questão já foi objeto de disputa entre Bonitz (1871, p. 435) e Zeller (1875, p. 502, n. 1), que defendiam, respectivamente, a primeira e a segunda posição. Mais recentemente, a interpretação segundo a qual a perseverança deve ser mantida na definição da coragem que se pode extrair do *Laches* foi defendida, entre outros, por Devereux ([1992] 1996), que recebe uma resposta de Zingano (2007). O ponto não interfere diretamente na interpretação aqui proposta para 192e1-193d10. A questão, no entanto, pode ter influência sobre a acomodação da passagem, tal como aqui compreendida, no restante do diálogo (ver nota 9, abaixo).

2 Ver, por exemplo, 194d9-195a4. Nesse texto, os personagens empregam indistintamente os termos σοφία e ἐπιστήμη para discutir a relação entre a coragem e o conhecimento.

que a coragem possa existir sem a sabedoria (posto que a coragem é bela), de outro, o exame de casos particulares sugere a ele que a sabedoria torna o agente menos e não mais corajoso.

O impasse toma forma sobretudo no exame dos últimos quatro exemplos, quando Sócrates apresenta a Laques (193a3-c5) diferentes situações nas quais recorre um contraste entre dois agentes que executam o mesmo tipo de ação. Em todos os casos expostos, um dos agentes contrastados (“agente *a*”, digamos) age de posse do conhecimento apropriado ao tipo de ação, ao passo que o outro (“agente *b*”), o faz sem dispor de tal conhecimento. Em cada uma das situações apresentadas, Laques conclui que:

- (1) O agente *b* é mais tolo do que o agente *a*.
- (2) O agente *b* é mais corajoso do que o agente *a*.

O juízo (2) parece basear-se na ideia segundo a qual é próprio do corajoso enfrentar riscos. Uma vez que o conhecimento apropriado à ação permite reduzir ou controlar os riscos, mostraria mais coragem quem age sem dispor de conhecimento, ou seja, o agente *b* (ver Irwin : 1995, p. 40). O juízo (1), porém, torna impossível que se atribua a coragem a *b*. Concordou-se, afinal, que a coragem é algo belo e, portanto, não pode ser acompanhada da tolice ou insensatez (192c-d).

A interpretação tradicional

De acordo com uma linha de interpretação bastante difundida (a ser aqui referida como “interpretação tradicional”), o núcleo do problema está no juízo (1). Como expõe Devereux, “o engano de Laques está em concordar que uma pessoa inábil que executa um ato perigoso é, com isso, tola” ([1992] 1996, p. 140, n. 18)³.

³ As traduções de todas as citações, quer da bibliografia secundária, quer do texto de Platão, são de minha autoria. O texto de Platão foi consultado a partir da edição de J. Burnet (1909).

Essa interpretação retira sua força do fato que em todos os casos apresentados por Sócrates o conhecimento envolvido é de tipo eminentemente técnico⁴. Trata-se do saber do administrador, do médico, do estrategista, do cavaleiro, do arqueiro e do mergulhador. Nenhum desses tipos de conhecimento seria relevante para caracterizar a sabedoria que deve ser associada à coragem. Laques teria sido apressado ao concordar, diante das informações fornecidas, com o juízo segundo o qual é tolo quem age sem estar de posse de tal conhecimento. Com relação ao que é relevante, pouco importa o que o agente sabe sobre a situação objetiva na qual se encontra ou seu grau de domínio das técnicas pertinentes. Para determinar se o agente é tolo ou sábio quanto ao que interessa, caberia verificar como ele considera os valores relativos envolvidos em cada um dos possíveis cursos de ação. Quem, mesmo sem dispor do saber técnico adequado, age em defesa de um grande valor (como a liberdade da comunidade ou a vida de uma criança em perigo) não demonstra insensatez. Ao contrário, é sinal de sabedoria ser capaz de distinguir os valores que justificam o enfrentamento dos riscos.

Para determinar, portanto, se o agente é tolo ou sábio seria necessário avaliá-lo a partir dos critérios que dizem respeito, não ao saber técnico, mas ao saber *moral*. A partir dessa distinção, Laques poderia manter o vínculo entre coragem e sabedoria e tomar como mais corajoso aquele que age sem o conhecimento mencionado nos exemplos. Ele falha ao não marcar posição acerca do tipo de conhecimento relevante. De resto, cabia-lhe pedir a Sócrates as informações que permitiriam avaliar os agentes dos exemplos a partir dos critérios do saber moral (por exemplo, cabia perguntar qual os motivos que levam o agente a agir mesmo sem dispor de conhecimento técnico adequado).

Essa linha de interpretação encontra-se notavelmente desenvolvida em Santas ([1969] 1996) e Vlastos (1994). Nas palavras de Santas, a aporia resolve-se a partir de:

uma distinção entre ser sábio ou saber *quais* são as alternativas que se apresentam e quais alternativas são de materialização provável e ser sábio ou saber os *valores* comparativos das alternativas que se apresentam (a distinção entre conhecimento de fato e conhecimento de valor). Os casos que Sócrates descreveu para Laques contêm informação apenas sobre o primeiro tipo de conhecimento, a estimativa do agente acerca de qual é a situação e quais

4 Tal como já fora enfatizado por Bonitz (1871, p. 432), representante dessa tradição interpretativa.

são suas chances de sucesso. Nada nos é dito sobre como os agentes conceberam os valores disso com vistas ao que perseveravam e os valores das alternativas à perseverança. No entanto, informação acerca desses pontos claramente fará uma diferença para nosso juízo acerca de ser a perseverança do agente sábia ou tola. ([1969] 1996, p. 33; itálico no original)

Vlastos desenvolve a mesma ideia geral, recusando, contudo, o recurso ao contraste exógeno entre fato e valor. Para apresentar a proposta nos termos do próprio diálogo, Vlastos lança mão da oposição entre “coisas grandes e pequenas” (192e2), a partir da qual o exame dos exemplos é introduzido. Recorrendo à *Apologia* (ver 30d), Vlastos caracteriza as coisas grandes como aquelas relativas ao bem moral e à virtude, ao passo que as coisas pequenas corresponderiam a bens ordinários. Nesse último grupo estariam os bens que Sócrates está em vias de perder no contexto da *Apologia* (tais como os direitos civis e mesmo a vida) e aqueles resultantes da prática competente das artes mencionadas na passagem do *Laches* (riqueza, saúde, vitória militar, etc.). Disso, Vlastos conclui que, no *Laches*, “a sabedoria que explica a coragem do bravo homem tem tudo a ver com entendimento moral [moral insight] e nada a ver com habilidade técnica” (1994, p. 117, itálico no original).

Problemas da interpretação tradicional

Na interpretação tradicional, o objetivo da discussão exposta na passagem (estabelecer a existência de um saber moral em oposição ao técnico) seria alcançado quando o interlocutor entende que uma resposta negativa deve ser dada à pergunta sobre ser mais tolo quem age sem conhecimento técnico ou em condições desfavoráveis. Como Santas e Vlastos admitem, no entanto⁵, os subsídios fornecidos por Sócrates para que Laques chegue a essa resposta são, na melhor das hipóteses, exíguos.

Na realidade, diante do texto, é bastante modesto o juízo de ambos intérpretes sobre as poucas indicações que Sócrates teria dado para que Laques chegasse a uma resposta negativa. As informações fornecidas não permitem examinar as situações enfrentadas pelos agentes dos exemplos por qualquer viés diferente daquele da técnica. Não há sugestão alguma acerca dos

5 Ver, respectivamente, [1969] 1996, p. 33 e 1994, p. 113-114.

motivos que levam os sujeitos dos exemplos a agir. Não é dito, por exemplo, que o exército menos numeroso, mais fraco e em terreno menos favorável luta para preservar a liberdade da cidade contra um invasor injusto. Tal como caracterizada por Sócrates, a situação pode ser avaliada unicamente segundo critérios técnicos. De acordo *com tais critérios*, é inegável que o sujeito no campo oposto age com maior sabedoria ao lançar-se à guerra. Nessas condições, ao concordar que é mais tola a perseverança do soldado que combate contrariando qualquer juízo baseado na técnica da guerra, Laques extrai a única conclusão razoável.

Na interpretação tradicional, portanto, Sócrates estaria esperando a recusa do juízo (1), quando todas as indicações fornecidas por ele próprio conduzem à sua aceitação. Assim compreendido, seu procedimento seria, no mínimo, muito pouco didático – especialmente quando se considera que Sócrates persiste na estratégia tortuosa depois da primeira resposta equivocada. Após concordar que o sujeito no exército mais fraco persevera de modo mais insensato, Laques ouve novamente a mesma pergunta acerca de quem mergulha sem saber fazê-lo. Na nova situação proposta, no entanto, não há nada que permitiria corrigir a primeira resposta.

É também notável que a ideia segundo a qual o agente sem saber técnico procede de modo mais tolo do que seu opositor tenha sido trazida à discussão por Sócrates (193b2-3). Laques, evidentemente, poderia ter recusado a sugestão, mas, se o objetivo é fazer o interlocutor perceber que o agente em questão não é o mais tolo, Sócrates parece estar convidando Laques a tomar o caminho equivocado. Tal como compreendido segundo a interpretação tradicional, o procedimento de Sócrates assemelha-se ao de quem aponta um caminho falso, esperando que, a partir disso, seu interlocutor descubra o caminho correto. Nesse caso, seria difícil negar que Sócrates e não Laques seria o maior responsável pelo estado de aporia deste último.

A linha de interpretação examinada, portanto, tem a desvantagem de atribuir a Sócrates um papel pouco honroso na discussão. Além disso, essa interpretação torna o conjunto de exemplos pouco interessante, uma vez que a mesma situação geral é diversas vezes reapresentada sem que qualquer informação capaz de esclarecer o ponto seja adicionada.

Além das dificuldades com relação ao papel de Sócrates na discussão, a interpretação tradicional enfrenta um problema adicional, talvez mais importante. Pode haver um aspecto perverso no modo como é aceito o juízo (2) no diálogo e tal aspecto não recebe suficiente atenção na interpretação tradicional.

Para identificar o problema, suponha-se que o juízo (1) seja recusado em função da distinção entre saber técnico e saber moral. Aceitando-se que o agente *b* age com base na sua posse do saber moral, é possível dizer que ele não é mais tolo do que *a*, que, supostamente, age unicamente com base no saber técnico. Suponha-se, agora, um agente *b'*, que, além de dispor do conhecimento moral, dispõe também de conhecimento técnico. Se *b* pode ser tomado como mais corajoso do que *a* (ou seja, se o juízo (2) é verdadeiro) porque *b*, ao contrário de *a*, não possui conhecimento técnico apropriado, então parece necessário concluir que:

(3) O agente *b* é mais corajoso do que o agente *b'*.

Tal resultado é, evidentemente, inaceitável. Segue-se dele que um agente que possuísse saber moral tornar-se-ia menos corajoso tão logo adquirisse uma habilidade técnica, o que é absurdo. Seria inaceitável que um sujeito capaz de identificar a vida de uma criança como bem a ser defendido pelo enfrentamento de grandes perigos fosse tomado como menos corajoso por ser hábil nas técnicas que permitem executar o resgate com perfeição.

Se o equívoco de Laques está tão somente no juízo (1), não parece possível garantir a exclusão do juízo (3). A introdução de um tipo de conhecimento que permita evitar que se tome *b* como agente mais tolo não elimina, por si só, a ideia segundo a qual a posse do saber técnico conta contra a atribuição da coragem a um agente. Do fato que há um conhecimento moral que, em certas circunstâncias, permite tomar como sábio quem age sem conhecimento técnico, não se segue que a posse adicional do conhecimento técnico não interfira no juízo que se faz sobre ser ele corajoso ou não.

Os defensores da interpretação tradicional podem afirmar que a coragem é sabedoria das grandes coisas, notando que a suposição segundo a qual a posse do saber técnico conta para mais ou para menos confunde o grande com o pequeno. Aceitar (3) como verdadeiro é não compreender a natureza do conhecimento moral.

Cabe perguntar, no entanto, o que, nas informações fornecidas por Sócrates, permitiria que Laques não apenas atinasse para a existência de um saber moral que tornasse possível recusar que *b* seja mais tolo do que *a*, mas também compreendesse que a natureza de tal saber

impõe a recusa de (3). Laques admitidamente recebe poucas pistas acerca da existência do saber moral e seria excessivo acreditar que ele pudesse intuir a seu respeito algo para além do fato que o seu objeto é diferente daquele do saber técnico. Mesmo que o propósito de Sócrates seja fazer Laques perceber a existência de um saber moral, nada no texto é suficientemente esclarecedor acerca da natureza desse conhecimento a ponto de impedir a conclusão segundo a qual a mera posse do saber técnico tem peso negativo na atribuição da coragem ao agente.

As considerações sobre a influência negativa da posse do saber técnico na atribuição da coragem a um agente sugerem que na base da aceitação do juízo (2) pode haver uma intuição equivocada sobre a coragem – uma intuição que Sócrates tem razões para atribuir a Laques e para tentar extirpá-la. A interpretação tradicional, na melhor das hipóteses, exclui tacitamente essa intuição (quando seria interessante trazer seu exame para o primeiro plano). Se, além disso, a reconstrução da passagem como tendo por objetivo a recusa do juízo (1) torna pouco justificável o comportamento de Sócrates na discussão, parece interessante buscar uma leitura alternativa que veja em (2) o centro das preocupações de Sócrates. A interpretação a ser proposta a seguir pretende explorar tal sugestão a partir de um exame detido da passagem de 192e1-193d10.

A interpretação proposta: um exame da importância do perigo na definição da coragem

A passagem inicia-se quando as partes concordaram que a coragem deve estar associada a algum tipo de sabedoria, cabendo, então, determinar do que trata essa sabedoria. Sócrates pergunta se a perseverança que Laques crê corresponder à coragem seria “sábia em todas as coisas, tanto nas grandes como nas pequenas?” (192e1-2). A introdução do tópico é imediatamente acompanhada do primeiro dos seis casos a serem submetidos ao exame de Laques: “Por exemplo, se alguém persevera gastando dinheiro sabiamente, ciente que, gastando, obterá mais, dirias ser esse homem corajoso?” (192e2-4). A respeito desse agente, Laques é enfático ao dizer que não entende ser possível tomá-lo como corajoso.

Se a riqueza é tomada como paradigma do que é pequeno, pode-se entender que, recusando-se a tomar o primeiro agente como corajoso, Laques implicitamente responde a pergunta que abre o exame: a sabedoria associada à coragem não diz respeito tanto às coisas grandes

como às pequenas, mas apenas às primeiras. Diante disso, o ponto central passa a ser determinar, para além do contraste geral com bens como a riqueza, quais são essas coisas grandes. Pode-se, então, tomar o restante da passagem como tentativa de obter progresso acerca da natureza desses bens dos quais se ocupa a sabedoria pertinente.

O segundo exemplo pode ser revelador da direção a ser seguida nessa investigação: “E um médico que não se deixasse dobrar, mas perseverasse irreduzível, estando o seu filho ou alguém outro afetado por uma inflamação nos pulmões e pedindo que se lhe dê de beber ou comer?” (192e6-193a1) O médico que, a despeito dos protestos do paciente, persevera na aplicação do tratamento busca algo distintivamente maior do que o administrador que investe com astúcia. Laques percebe, no entanto, que tampouco esse agente parece qualificar-se como corajoso. Apesar da importância do bem buscado, falta ao exemplo algo de fundamental para que o médico possa ser tomado como corajoso. Não parece possível compreender como corajoso alguém que age sem enfrentar qualquer risco e, como nota Santas ([1969] 1996, p. 31-32), é possível que o segundo exemplo busque chamar a atenção sobre isso, pois nada no texto sugere que o médico corra algum perigo ao perseverar.

É natural supor que o homem corajoso esteja disposto a enfrentar riscos e não há, no *Laches*, qualquer indicação de que essa característica deva ser abandonada. Ao contrário, ela está presente do início ao fim da discussão. O risco está presente na definição proposta por Nícias⁶ e mesmo a compreensão expansiva do âmbito da coragem defendida por Sócrates (191c8-e2) parece tomar o perigo como característica própria das situações nas quais se manifesta essa virtude⁷.

6 A coragem é definida por Nícias como “conhecimento do que há para ser temido ou enfrentado com confiança” (194e11-195a1).

7 O perigo está inequivocamente envolvido de um modo ou de outro em quase todas as situações mencionadas por Sócrates. Causa dúvida a esse respeito apenas a referência aos que são corajosos por lutarem contra desejos e prazeres (191d7-e1). A inclusão desses casos na lista das situações nas quais pode manifestar-se a coragem é notoriamente problemática (Santas : [1969] 1996, p. 28-30; Zingano : 2007, p. 55, n. 9) e torna praticamente impossível a distinção entre coragem e temperança. Com relação ao ponto em questão aqui, pode-se dizer que a inclusão de tais casos na lista seria dificilmente justificável, se não por associação ao “perigo” de ceder aos prazeres ou desejos. Ainda que tal compreensão do perigo não seja literal, ela pode ser vinculada ao uso que Sócrates faz do termo “lutar” para descrever a postura do corajoso diante de prazeres e desejos.

Aceitando-se que não há coragem sem risco, resta saber qual a real importância desse elemento na definição da coragem. Não é de surpreender que um militar experiente como Laques atribua grande valor à disposição de enfrentar riscos e, com tal interlocutor, é razoável que Sócrates deseje examinar o ponto com cuidado. A partir dos dois primeiros exemplos, Sócrates pode constatar que Laques não toma riqueza e assemelhados como grandes coisas e que não toma por corajoso quem age sem enfrentar riscos. Poderia ser o caso, no entanto, que o segundo juízo esteja baseado em uma valorização excessiva do risco na compreensão do que seja a coragem. Desse modo, Sócrates formula todos os demais exemplos a partir de situações nas quais o enfrentamento de perigos está em evidência.

Além do perigo, fator ausente nos dois primeiros casos, o terceiro exemplo traz consigo outra inovação. Sócrates passa a contrastar dois agentes e Laques é instado a indicar qual dos dois é mais corajoso:

E o homem que persevera na guerra e dispõe-se a lutar, calculando sabiamente, ciente que outros o ajudarão e que luta contra forças menos numerosas e mais fracas do que as que estão do seu lado, ciente, além disso, que tem a melhor posição, dirias ser o homem que persevera com essa sabedoria e preparo mais corajoso do que quem dispõe-se a resistir e perseverar no exército oposto? (193a3-9)

Nos dois primeiros exemplos, o que se sabe acerca do agente não é suficiente para qualificá-lo como corajoso e Laques apropriadamente nega tratar-se de casos de coragem. Diante do terceiro exemplo, por sua vez, Laques acredita ser capaz de indicar qual, dos dois agentes contrastados, é mais corajoso. Este seria, de acordo com seu juízo, aquele que luta no campo mais fraco.

É possível, no entanto, fundamentar essa resposta a partir do modo como o exemplo é caracterizado? De fato, tudo o que se sabe a respeito do agente indicado por Laques como o mais corajoso é que ele está disposto a lutar em condições desfavoráveis. Nada se diz acerca do modo como ele compreende os motivos dessa disposição, ou o que está em jogo na guerra. Em relação a seu oponente, sabe-se apenas que ele enfrenta os maiores riscos. Isso, no entanto, não é motivo bastante para tomá-lo como mais corajoso. O que ele faz pode ser simplesmente

estúpido – pode bem ser o caso que ele aja por mera audácia. Sócrates, afinal, não diz que a iniciativa da guerra tenha partido do lado mais forte ou que o mais fraco esteja resistindo contra uma injustiça. A resposta de Laques mostra que, para ele, saber quem enfrenta os maiores riscos é *suficiente* para saber quem é mais corajoso.

Como afirmado acima, entendo que não há qualquer equívoco quando Laques concorda ser mais tolo quem age nessas circunstâncias. Não há outra conclusão possível para quem avalia o caso unicamente a partir do modo como Sócrates o apresenta, sem supor condições adicionais. Baseando-se apenas no que Sócrates diz, no entanto, não é possível afirmar que agente em questão é, de fato, mais corajoso do que o seu inimigo. A meu ver, Laques não é apressado ou está enganado ao dar a resposta sobre ser mais tolo quem age desse modo, mas ao acreditar que se pode tomá-lo como mais corajoso. O equívoco de Laques, na interpretação aqui sugerida, não está na aceitação do juízo (1), mas na aceitação de (2).

Essa conclusão está em consonância com a questão que leva Sócrates a propor o exame dos casos. A coragem não pode ser *nociva* (βλαβερὰ καὶ κακοῦργῶ), como concordam os dois participantes da discussão (192d1-8). Ora, se fosse possível dizer quem é mais corajoso apenas sabendo quem está disposto a correr os maiores riscos, seria impossível negar que a coragem seja um traço de caráter em boa medida nocivo para o agente e para outrem.

O ponto ressurgue quando Nícias está no centro da discussão (a partir de 194d1), tendo sugerido que a coragem é “uma certa sabedoria”. Quando Sócrates nota que, a partir dessa concepção, não se pode tomar animais como corajosos, Laques entende haver aí uma objeção a Nícias e afirma que seria uma audácia negar-se a tomar como corajosos animais como o leão (197a1-5). Ao aceitar a observação de Sócrates sem ver nela qualquer objeção à sua posição, Nícias recorre à distinção entre coragem e mero destemor (197a6-c1) – justamente o que Laques não diferencia ao crer ser possível indicar quem é mais corajoso sabendo apenas quem enfrenta maiores riscos.

Na discussão com Nícias, Laques demonstra tomar tal distinção como jogo de palavras próprio de um sofista (197d6-8), acreditando que, por meio dela, Nícias “tenta desprover dessa honra aqueles que todos entendem ser corajosos” (197c3-4). Para Laques, portanto, diferenciar o destemor da coragem tem a danosa consequência de impedir que se tome como corajoso quem de fato é.

Nessas condições, não surpreende que Laques acredite ser possível indicar quem é mais corajoso no exemplo dos exércitos, assim como nos três casos que Sócrates expõe em seguida. No entanto, é possível perceber que há, nos casos seguintes, um esforço para tornar mais clara a distinção entre coragem e destemor.

Laques provavelmente tem em mente que o covarde toma o risco como razão para não agir, equivocadamente concluindo disso que o corajoso toma o risco como razão para agir. O erro pode ser compreendido quando se tem em vista, em primeiro lugar, que há muitos homens covardes e poucos impetuosos e, em segundo, que na guerra, é certamente melhor contar com soldados do segundo tipo. Além disso, é natural que um militar simpatize com um soldado disposto a lutar em condições desfavoráveis e que tenda a ver tal sujeito como corajoso, mesmo sem nada mais saber sobre o caso. Alguém que não perca o ânimo da luta ao perceber que está no campo mais fraco é, no mínimo, surpreendente, podendo facilmente ser tomado como corajoso.

Desse modo, Sócrates apresenta, em seguida, um exemplo que não mais traz as características que fazem Laques sobrevalorizar um dos agentes: “E, portanto, quem persevera na luta a cavalo com o conhecimento da equitação, dirás ser menos corajoso do que quem o faz sem conhecimento” (193b5-7). Nesse caso, não há qualquer menção de uma desvantagem quanto ao número, à posição ou à força. Se um dos dois guerreiros enfrenta maiores riscos do que o outro, isso se deve unicamente ao fato de não dominar a arte da equitação.

Pode haver algo de admirável na disposição de quem pretende lutar no campo mais fraco, quando independe dele a origem dessa desvantagem. O mesmo não ocorre, no entanto, quando se trata de alguém que é responsável por estar em situação desfavorecida. No exemplo da luta a cavalo, Sócrates caracteriza a situação unicamente a partir do exercício de uma técnica. Sabe-se apenas que se trata de uma disputa travada a cavalo, o que supõe as habilidades bastante complexas de domínio do animal e simultâneo manejo das armas. Quem toma parte desse tipo de combate sem dispor desse conjunto de habilidades está assumindo deliberadamente a posição de desvantagem em relação ao oponente versado em equitação.

Quando Laques afirma que, nessa situação (assim como na situação do exemplo seguinte, caracterizado apenas a partir do uso do estilingue ou arco e flecha, 193b9-10), o agente em desvantagem é mais corajoso, ele mostra que acredita ser próprio do corajoso *buscar* o risco e não apenas dispor-se a enfrentá-lo.

O último exemplo apresentado por Sócrates é, novamente, caracterizado por um tipo de perigo e pela técnica apropriada ao seu enfrentamento. O novo caso, no entanto, não é mais extraído do contexto da guerra: “E os que, descendo em um poço ou mergulhando, dispõem-se a perseverar nesta ou noutra prática semelhante sem serem hábeis, dirás serem mais corajosos do que os que são hábeis nessas coisas.” (193c2-5) Não há, aqui, qualquer uma das razões que poderiam levar Laques a confundir o corajoso com o destemido. Em combate, um homem disposto a enfrentar qualquer risco irrefletidamente é certamente mais útil do que um covarde. Em tal caso, seria possível sustentar que o destemor serve a algum propósito, que não o mero enfrentamento dos riscos. No caso de quem simplesmente mergulha em um poço sem saber fazê-lo com habilidade, no entanto, isso não ocorre. Nada indica que a atitude do agente possa ter em vista qualquer objetivo que não o mero enfrentamento do perigo. Se Laques, diante desse caso, ainda acredita ser possível dizer que o sujeito menos hábil é mais corajoso, outra razão para tanto não pode haver do que a crença segundo a qual o corajoso define-se unicamente pela disposição a enfrentar riscos.

A despeito disso, Laques concorda que a perseverança desse agente é mais tola do que a de quem mergulha de posse da técnica e concede, também, que esse tipo de perseverança e ousadia é nociva. Surge, então, a aporia: não se pode atribuir a coragem a quem parece ser mais corajoso, uma vez que a coragem não pode ser perniciosa.

O impasse surge em virtude do modo como Laques compreende a importância da disposição a enfrentar riscos no conceito da coragem. Para ele, o corajoso é *definido* a partir da disposição a enfrentar riscos, de modo que é sempre possível determinar qual, de dois agentes, é mais corajoso, verificando quem se dispõe a enfrentar os maiores perigos. Expor-se a riscos sem qualquer razão, no entanto, é simplesmente tolo (como bem ilustram os exemplos de quem opta por lutar a cavalo sem saber montar ou mergulha em um poço sem ser capaz de mergulhar) e nocivo. De um lado, Laques não vê como deixar de tomar como mais corajoso quem enfrenta os maiores riscos e, de outro, concorda que a coragem não pode ser nociva.

A solução da aporia e a lição de Sócrates para Laques

O caminho para a solução da dificuldade foi dado por Sócrates. Uma vez que a série de exemplos foi apresentada a partir da distinção entre coisas grandes e pequenas, está desde o

início do exame implícita a questão acerca de quais são as coisas verdadeiramente grandes. Os exemplos que envolvem perigo, por sua vez, são apresentados de forma a tornar progressivamente claro que o enfrentamento do risco pode não ser algo tão grande quanto Laques, de início, tende a conceber. Ao contrário, Laques deveria ter percebido que, em uma situação na qual é evidente que o agente nada busca senão o risco, não há como considerar que ele busca algo grande. Mais do que isso, se o conjunto de itens sobre os quais cabe fazer a pergunta acerca do que é grande ou pequeno é composto por coisas tais como riqueza, saúde e vitória militar, talvez o risco não possa sequer ser tomado como coisa pequena. Riqueza, saúde e assemelhados são bens (ainda que talvez não do tipo mais nobre), ao passo que, tomado em si mesmo, o risco parece ser não um bem pequeno, mas um mal.

Isso não impõe que se abandone a relação entre ser corajoso e dispor-se a enfrentar riscos. Essa relação, no entanto, poderia, ao final do exame, ter sido compreendida sob novo dia-pasão. Uma dada quantidade, em si mesma, não é grande nem pequena, sendo tomada como uma ou outra coisa dependendo do parâmetro de comparação. O exemplo do médico pode mostrar como essa correlação pode ser transposta para o âmbito da ação humana. Em sua perseverança, o médico abre mão da satisfação que ele poderia obter cedendo aos pedidos de um filho doente ou de outro paciente qualquer. Tomada em si mesma, não haveria nada nessa satisfação que impusesse a recusa. Essa satisfação torna-se algo pequeno em vista do bem que o médico obtém ao abrir mão dela, a saber, a saúde do paciente⁸. Do mesmo modo, o corajoso dispõe-se a enfrentar perigos porque a segurança da qual ele abre mão quando mostra coragem é algo pequeno diante das grandes coisas que ele busca quando age corajosamente.

A capacidade de aquilatar o valor relativo de cada bem surge associada ao saber do corajoso no auge da exposição de Nícias (195c7-196a3). Em contraste com o médico, que sabe quais as chances de cura de um paciente, o corajoso sabe se, para um dado sujeito, a saúde é ou não melhor do que a própria morte. A vida e a saúde, que figuram como grandes bens quando comparados com a maior parte das coisas às quais pode aspirar um ser humano, podem tornar-se pequenos diante de bens como a liberdade da cidade. Esse é o tipo de juízo que o saber associado à coragem permite enunciar.

8 Essa interpretação do exemplo do médico foi sugerida em discussão pela colega Inara Zanuzzi.

O corajoso sabe quando assumir riscos (e o faz com confiança) porque sabe quais são os bens que tornam o valor da vida e da integridade física comparativamente pequenos. Quando se trata de defender tais bens, não há porque hesitar diante de grandes riscos. Por essa razão, a coragem pode ser descrita como sabedoria cuja posse permite discernir quais são os riscos a serem enfrentados com confiança.

Talvez as indicações que a passagem dos exemplos fornece não sejam suficientes para que Laques pudesse, unicamente a partir delas, chegar a uma tal concepção de coragem. Nessa passagem, no entanto, Sócrates dá a Laques todos os elementos para que ele chegue a um importante resultado intermediário: antes de concluir que o corajoso é quem sabe o que faz valer a pena correr um risco, é necessário saber que o corajoso não é quem toma o enfrentamento dos riscos como fim em si.

Sócrates forneceu tudo o que seria necessário para que Laques chegasse a esse resultado. Ele o faz apresentando a Laques situações nas quais o enfrentamento despropositado de riscos progressivamente evidencia-se como mera tolice. Assim concebido, seu procedimento é didático e claro. Para que o raciocínio funcione, é necessário que de “*x* age contrariamente ao saber” Laques conclua que *x* age tolamente, sem precisar intuir que o agente não é tolo porque possui uma sabedoria especial da qual não há qualquer indicação na passagem. Se, ao final do trecho, Laques segue tomando tal sujeito como corajoso, isso se deve ao fato que ele, contra toda evidência fornecida, toma o enfrentamento dos riscos como bem em si. Nesse caso, não há ninguém a responsabilizar pela aporia, senão o próprio Laques.

A lição que, na interpretação proposta, Sócrates pretende fazer brotar em Laques na passagem conforma-se a um modelo antecipado em uma das primeiras contribuições de Sócrates à discussão exposta no diálogo: “quando quer que alguém investigue algo com vistas a algo, a deliberação ocorre ser sobre aquilo com vistas ao que se investiga e não sobre isso que se pesquisa com vistas a outra coisa”. (185d5-7) Quando se questiona, por exemplo, se um cavalo deve ou não ser aparelhado com um bridão (ou quando isso deve ser feito), a discussão não diz respeito ao bridão, mas ao cavalo. Da mesma forma, quando se pergunta se cabe ou não correr um risco, a questão não diz respeito ao risco ou ao seu enfrentamento, mas a isso que se pretende obter dispondo-se a correr o risco em questão.

A interpretação proposta para a discussão com Laques e a aporia de Nícias

De acordo com a presente interpretação, o objetivo principal de Sócrates em 192e1-193d10 é mostrar a Laques que o corajoso não toma o enfrentamento do perigo como um fim. Essa compreensão do texto cria um modo produtivo de integrá-lo ao restante do diálogo, permitindo, em particular, estabelecer um vínculo entre o que Sócrates pretende estabelecer em cada uma das duas grandes discussões do diálogo.

Para avaliar a coesão que a interpretação proposta permite encontrar no conjunto do diálogo, convém examinar brevemente a aporia que é resultado da discussão final do *Laches*. Nícias define a coragem como “conhecimento do que há para ser temido ou enfrentado com confiança” (194e11-195a1). Sócrates, então, mostra a Nícias que essa definição comporta uma tensão interna. O que há para ser temido ou enfrentado com confiança são bens e males futuros, ao passo que o conhecimento, independentemente de qual seja seu objeto, não se define por limites temporais. O conhecimento dos bens e males futuros é o mesmo conhecimento dos bens e males presentes e passados. Se, no entanto, a coragem passa a ser definida como conhecimento dos bens e males em geral, não há como diferenciá-la das demais virtudes.

O que não foi possível acomodar na compreensão da coragem como conhecimento foi precisamente o elemento proeminente na concepção intuitiva da coragem externada por Laques: o perigo, fator eminentemente vinculado ao que está por vir. As duas discussões do diálogo, portanto, apresentam uma complementaridade com relação ao que revelam acerca do que é distintivo da coragem no seio das virtudes e o que é essencial a todas as virtudes. Na discussão com Laques, Sócrates indica que a disposição a enfrentar riscos não corresponde à essência da coragem. No debate com Nícias, Sócrates mostra que a essência da coragem, a sabedoria dos bens e males, não abarca o que diferencia a coragem das demais virtudes. Examinando o modo pelo qual uma correta compreensão do enfrentamento dos riscos pode desfazer a aporia de Laques, Nícias poderia encontrar a solução para sua própria dificuldade. Em nenhum momento surge a sugestão segundo a qual a disposição a enfrentar riscos deve ser excluída do conceito de coragem, apenas não devendo ser tomada como sua característica fundamental. O corajoso é quem (i) enfrenta riscos (ii) em virtude de algum bem. A característica (ii), agir com vistas a algum bem, explica porque o corajoso enfrenta riscos, sendo, portanto, mais fundamental do que (i). Tal característica básica é compartilhada pelas ações de todos os homens de virtude, quer

sejam tomados como corajosos, quer como temperantes, quer sejam caracterizados segundo outra virtude particular. No âmbito de uma compreensão cognitivista da ação humana⁹, não é difícil encontrar a conversão dessa característica na tese segundo a qual todas as virtudes são essencialmente o mesmo conhecimento dos bens a serem buscados. A característica (i), no entanto, não foi, por isso, eliminada. Ela corresponde ao modo pelo qual o corajoso busca um bem. A coragem e a temperança são um mesmo conhecimento de bens e males, diferindo à medida que a primeira busca os bens no enfrentamento dos perigos e a segunda o faz pela moderação diante dos prazeres¹⁰.

O mesmo modelo que permite solucionar o impasse de Laques, indica também a saída para o problema de Nícias. A selaria não é bem a arte que se ocupa dos bridões, mas antes a arte que se ocupa de cavalos. Do mesmo modo, a coragem não diz respeito exatamente a riscos, mas antes a bens e males, o que, na interpretação proposta, desfaz a aporia de Laques. De outra parte, o fato que a selaria e a arte de forjar ferraduras são essencialmente uma mesma busca pela boa prática da equitação não torna impossível distingui-las. No caso da primeira arte, o objetivo comum é buscado por meio de arreios e bridões e, no caso da segunda, por meio de fer-

9 Entendo por “compreensão cognitivista da ação humana” a tese segundo a qual a explicação da ação não deve apelar a nada além das crenças do agente. Tal tese é usualmente tomada como traço fundamental da compreensão socrática da ação e da virtude. Não há no, *Laches*, um exame detido dessa tese central, que é objeto do *Protágoras* (a partir de 352d). Uma compreensão alternativa da posição de Sócrates baseia-se na identificação de propriedades não-cognitivas peculiares a cada uma das virtudes. Há quem sustente, por exemplo, que a boa interpretação do *Laches* indica ser necessário manter a perseverança como propriedade distintiva da coragem em oposição às demais virtudes (ver acima, nota 1). Se essa alternativa, cujo exame pode ser encontrado em Zingano (2007), estiver correta, seguem-se consequências relevantes para o que se procura estabelecer na seção final deste trabalho.

10 Essa interpretação da concepção socrática geral de virtude é defendida em Zingano (2007): “As virtudes podem ser idênticas entre si sob um certo aspecto – na verdade, o aspecto essencial, a saber, para empregar uma expressão deliberadamente vaga, ou mesmo enigmática empregada no *Laches*: sob a relação daquilo cuja presença em algo torna melhor esta coisa em que está presente (189e4 [...]), ainda que sejam distintas sob outras perspectivas, como segundo os domínios aos quais se aplica aquilo cuja presença em algo torna melhor esta coisa em que está presente (...)” (p. 46) O aspecto essencial das virtudes corresponde à ciência dos bens e males (p. 63) “que se manifesta como coragem quando se aplica ao que é objeto de temor, que se apresenta como temperança quando concerne aos prazeres do gosto e do tato, que aparece como justiça, enfim, quando diz respeito às trocas e ao comércio entre os homens.” (p. 68-69)

raduras. Assim como o modo de contribuir para o objetivo comum é suficiente para diferenciar duas partes de uma mesma arte de conduzir cavalos, também o modo de manifestar o mesmo conhecimento dos bens e males basta para diferenciar as partes da virtude.

RESUMO

A aporia exposta no diálogo Laches, de Platão, em 192e1-194b4, é tradicionalmente interpretada como resultado da incapacidade de Laques de atinar com o caráter peculiar do conhecimento moral. Neste artigo, sugiro alternativamente que o problema que Laques não resolve diz respeito sobretudo às suas crenças acerca da relação entre a coragem e a disposição de enfrentar perigos. Pretendo mostrar que, assim concebida, a passagem integra-se bem à tentativa geral do diálogo de estabelecer uma concepção da coragem (ou antes da virtude) centrada no conhecimento.

Palavras-chave: coragem, conhecimento, perigo, virtude, Sócrates

ABSTRACT

The aporia displayed in Plato's dialogue Laches, at 192e1-194b4, has been traditionally taken as the result of Laches's inability to hit upon the peculiar character of moral knowledge. In this paper I suggest, alternatively, that the problem which Laches does not solve concerns mainly his beliefs about the relation between courage and the disposition to face dangers. Moreover, I aim to show that the passage thus construed fits smoothly into the dialogue's general attempt to establish a conception of courage (or rather virtue) that is knowledge-centric.

Keywords: courage, knowledge, danger, virtue, Socrates

Referências bibliográficas

BONITZ, H. "Zur Erklärung Platonischer Dialoge" *Hermes* 5, 1871, p. 413-42.

BURNET, J. *Platonis opera*. Oxford, Clarendon, 1909.

DEVEREUX, D. T. "The unity of the virtues in Plato's *Protagoras* and *Laches*" [1992]. In: PRIOR, W. J. *Socrates critical assessments*. V. IV. London, Routledge, 1996, p. 124-143.

IRWIN, T. *Plato's ethics*. New York, Oxford U. P. 1995.

SANTAS, G. "Socrates at work on virtue and knowledge in Plato's *Laches*" [1969]. In: PRIOR, W. J. *Socrates critical assessments*. V. IV. London, Routledge, 1996, p. 23-45.

VLASTOS, G. "The *Protagoras* and the *Laches*". In: _____. *Socratic studies*. Cambridge, Cambridge U. P. 1994, p. 109-26.

ZELLER, E. *Der Philosophie der Griechen in ihrer geschichtlichen Entwicklung*. T. II, v. 1. Leipzig, Fues's Verlag, 3 ed. 1875.

ZINGANO, M. "Virtude e saber em Sócrates". In: _____. *Estudos de ética antiga*. São Paulo, Discurso Editorial, 2007, p. 41-72.

Recebido em 02/2010
Aprovado em 05/2010